[apresentação]

Estética, política e memória:
conceitos-chave para o campo da arte pública a partir dos seminários do Grupo de Estudio sobre Arte Público en Latinoamérica

Sylvia Furegatti
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriela Freitas
Universidade de Brasília, Brasil

O dossiê criado para esta edição inaugural do periódico **arte: lugar: cidade** apresenta uma seleção de artigos publicados originalmente nos Seminários Internacionais do Grupo de Estudio sobre Arte Publico en Latinoamérica - GEAP LA, fundado em Buenos Aires, Argentina, no ano de 2008. A criação do GEAP LA foi responsável por sistematizar uma importante rede para a pesquisa sobre o campo da arte pública e suas relações com o passado e o presente, visando diferentes perspectivas construídas de modo interdisciplinar. Por meio de seus seminários bienais, este grupo colaborou com a integração de estudiosos de variados países da América Latina e,

com o passar dos anos, essa extensão territorial não limitou a participação de outros pesquisadores, latino-americanos ou europeus, que passaram a contribuir com os trabalhos do grupo a partir de estudos realizados em instituições de ensino e cultura localizadas em outros continentes.

A postura investigativa voltada ao eixo sul-sul encontrou bom eco junto aos historiadores da arte, arquitetos e urbanistas, filósofos e artistas atentos à importância dos referenciais teóricos e modelos da práxis artística e patrimonial representativos das especificidades de nossos ambientes urbano-industrial e natural, bem como dos tipos de organização social e política que tipificam a paisagem de nosso continente, onde se localizam os objetos de estudo e agentes atuantes do campo da arte pública.

O Brasil tem mantido uma presença bastante expressiva junto a este Grupo, representando cerca de 50% das adesões de professores pesquisadores, doutorandos e mestrandos de diversas IES do país, públicas e particulares, que têm participado ativamente dos seminários, para além de eventos híbridos ou projetos especiais realizados pelo GEAP LA. Os brasileiros, aliás, participaram da fundação do grupo latino-americano em Buenos Aires e conduziram, quase que imediatamente, a formação de um de seus primeiros grupos nacionais, o Grupo de Estudos sobre Arte Pública no Brasil - GEAP BR, que alcança, neste ano de 2024, seu quinto seminário nacional consecutivo, realizado também bienalmente. Essa circunstância pode ser lida como indicativa do interesse expresso há muitas décadas, em nosso país, pelo trabalho de pesquisas vinculadas aos programas de pós graduação, curadorias, políticas públicas de incentivo ou editais de projetos, bem como por meio das mais variadas formas assumidas pela manifestação artística em âmbito público, que tem no entorno urbano e nos fluxos de suas comunidades sua contextualização crítica e criadora.

A extensão do arco de conceituações sobre a arte pública, assim como o mapeamento de suas ações temporárias ou permanentes, inseridas na paisagem das cidades, além da participação de seus

agentes e as urgências locais ou globais suscitadas por este campo de reflexão e práxis artística têm constituído o escopo de atenção dos representantes formais do GEAP. Seus pesquisadores buscam burilar, nos artigos publicados nos anais de cada seminário realizado, as nuances entre o fixo e o fluxo que determinam as distintas formas dos modelos de apropriação do espaço comum, submetido às intempéries materiais, tanto quanto estruturadas pela oscilação dos humores e pela renovação dos códigos simbólicos e políticos que formam a relação entre arte, espaço urbano e comunidade, hoje.

Desse modo, a seleção dos artigos para este dossiê levou em conta a representatividade de questões consideradas importantes para os seminários realizados pelo GEAP LA, desde seu surgimento. Trata-se de um conjunto de textos cuja abordagem sinaliza para a urgência daquelas experiências trabalhadas com fôlego investigativo e comprometimento teórico de seus autores, tanto quanto demonstram, pela distância de tempo de sua elaboração, como a complexidade própria dos objetos de estudo do campo da arte pública demanda, de seus interessados, um comportamento de vigília constante às revisões de seu perfil, em construção continuada, que não se dissolve nem dispensa as análises construídas tempos atrás.

Assim é que se propõe o convite à leitura dos recortes temáticos enfrentados pelos autores eleitos para este dossiê, como análises diagnósticas de situações urbanas tratadas com a persistência necessária para o pontual, reservado o espaço que lhes permita o movimento. Ao todo, são quatro artigos publicados nos anos de 2015, 2019 e 2021 nas atas dos seminários realizados, respectivamente, em Cali, Colômbia; Lima, Peru, e na edição conduzida de modo exclusivamente virtual, devido à pandemia do coronavírus.

Os autores refletem sobre a tensão político-estética promovida pela fricção entre o artístico e o jovem ativismo político; ou aquela reconhecível na participação de coletivos com ou de artistas mulheres que, junto de outros companheiros de grupo e comunidades envolvidas, alteram a paisagem urbana das diferentes cidades lati-

no-americanas, carregando em seus discursos o reconhecimento crítico e autocrítico da arte pública. Assim também se vê representada a urgência do debate sobre os monumentos tradicionais e dos contra-monumentos, em sua singular relação com as camadas de organização espacial das cidades contemporâneas.

O artigo apresentado por Almerinda da Silva Lopes no IV Seminário GEAP LA (Cali, 2015) – *O corpo do artista leva a arte à rua: As performances e o ativismo político de Paulo Bruscky em plena ditadura militar* – traz um breve panorama da obra do artista pernambucano durante a ditadura militar, contextualizando-o entre a geração de jovens artistas que emergia no período interessados em refutar os valores estéticos tradicionais ao articular formas inusitadas de experimentação que diluíam as fronteiras entre arte e vida e, consequentemente, aproximavam arte e ativismo político. Bruscky dedicou-se a ações performáticas e de intervenções urbanas em espaços alternativos fora da instituição do museu. Seu trabalho, de caráter volátil e efêmero, colocava o corpo em evidência como linguagem, matéria e suporte da arte e requeria, justamente por sua natureza momentânea, o registro das propostas performáticas e intervenções públicas seja por processos fotográficos ou videográficos.

A autora destaca a importância de tal prática como forma de subversão à censura em vigor no período, não só no Brasil, mas também em grande parte da América Latina, que sofria sob intervenções de regimes ditatoriais. Tais registros circulavam de maneira *underground* alimentado uma rede de arte correio sem levantar qualquer suspeita dos militares. Além disso, a prática da documentação e do registro das performances e intervenções também contribuiu para a amplificação, diversificação e hibridização das linguagens artísticas, formando um grande espectro de imagens híbridas que constituem, hoje, um importante arquivo da arte contemporânea realizada no período de restrição dos direitos políticos, durante a ditadura militar. Almerinda Lopes analisa algumas performances, intervenções e obras do artista, dentre elas: *Arte Cemiterial (1971), Enterro Aquático I (1972), Enterro Aquático II (1973), Meu Cérebro Desenha Assim (1979), Limpos e Desinfetados (1984)*, entre outros.

O artigo reforça, ao final, o reconhecimento tardio à obra do artista por seu ineditismo criativo que o destaca como referência na arte conceitual e experimental no Brasil e no exterior.

Também nos artigos de Carolina Vanegas Carrasco e de Ines Linke, ambos apresentados no VI Seminário GEAP Latinoamérica (Lima, 2019), encontramos uma forte ligação entre arte e política, em ambos os casos ligadas à discussão patrimonial de monumentos urbanos. No artigo *(Im)permanências: memória e esquecimento no espaço público*, Ines Linke se interroga sobre a presença de obeliscos no interior e na capital da Bahia, Brasil, inserindo-os em uma longa tradição que remonta ao Egito antigo e à simbologia e à lógica do poder colonial, ao longo da história: a violência da subtração de seu local original, o desrespeito às culturas de origem, os deslocamentos e as reapropriações. A autora aponta para o fato de que a tradição ao monumento em homenagem a fatos e a personalidades históricas não se restringiu ao período do Brasil Colônia ou Brasil Império, mas prolonga-se mesmo após a proclamação da República. Ela cita especificamente o "Obelisco a Dom João", situado na praça da Aclamação, em Salvador, cuja obra foi iniciada em 1815 para celebrar a passagem do então príncipe pela cidade. Parte da paisagem da cidade, o obelisco hoje encontra-se em estado de abandono e perdeu sua importância na memória social, bem como seu valor histórico para a população.

Assim, Ines Linke cita ações possíveis de ressignificação desse tipo de monumento, como é o caso do artista mexicano Damián Ortega que, em 2004, criou um obelisco transportável e, dessa forma, levantou questões como a desterritorialização dos monumentos, a autonomia desses objetos, bem como as políticas de esquecimento que determinam as dinâmicas de poder envolvidas. A autora destaca ainda a importância das relações sociais que se dão ao redor do monumento em si, para conferi-los ou tirá-los da invisibilidade, dos lugares sem memória que os transformam muitas vezes em escombros e cinzas, reduzindo-os a uma pilha de sedimentos destinados a formarem um palimpsesto geológico.

No artigo *Auras anónimas: un lugar de debate sobre las memorias de la violencia en Colombia*, de Carolina Vanegas Carrasco, a questão da memória ligada ao monumento é trabalhada para enfatizar suas importâncias histórica e política. Para tanto, apresenta e discute o trabalho *Auras Anónimas* (2009) da artista colombiana Beatriz González, que fez intervenções nas galerias funerárias (columbários) do Cemitério Central de Bogotá, então sem uso, desde 2002. Diante da ameaça de demolição dos columbários para um projeto de renovação do local, coloca-se em discussão o apagamento da memória, tendo em vista que os edifícios possuem uma importância histórica por abrigar centenas de mortos não identificados na revolta consequente do assassinato do candidato presidencial liberal Jorge Eliécer Gaiatán, em 9 de abril de 1948.

A intervenção é constituída por lâminas de acrílico tornados suporte para uma série de desenhos que cobrem cada um dos 8957 nichos das quatro galerias funerárias do cemitério. A intervenção de Beatriz González foi responsável por manter esse episódio histórico vivo, a despeito de encontrar-se atualmente sem manutenção. A autora problematiza como a noção de *tabula rasa* acompanha a ideologia contemporânea de progresso de projetos urbanistas e tantas outras ações de apagamento histórico em nome de um novo higienizado. O referido conflito tem desagradado gerações por décadas, com opiniões contrastantes. O artigo reflete, portanto, sobre a importância da arte pública aliada a estratégias e políticas da memória para ressignificar a história de um país de forma dialógica e coletiva.

Por fim, apresentamos o artigo *Arte y feminismos en el espacio público: Nuevas metodologías y genealogías* de Gemma Argüello e Natalia de la Rosa apresentado no VII Seminário GEAP LA (2021), realizado online, durante o período de isolamento da pandemia de coronavírus. O texto trata da relação entre política e arte pública feita por mulheres, comumente invisibilizadas ao longo da história da arte. As autoras revisitam conceitos importantes para a compreensão de uma epistemologia da arte pública, tais como os de *memória, antimonumento, museu, arquivo e patrimônio,* aliados a

estratégias do campo, como *intervenções, reapropriações e ressignificações* para definir uma metodologia de estudo baseada em revisão crítica e analítica de trabalhos de artistas mulheres mexicanas. Entre elas, Mónica Mayer, Maris Bustamante e, mais contemporaneamente, Betzamée Torres, Alma Camelia, Cerrucha, além de coletivos feministas como *Anti-Monumenta, Fierras Fieras, Brillantinas con Glitter e El mural que debió ser.*

O México, assim como o Brasil, é um país reconhecido por suas altas taxas de feminicídio. As autoras iniciam o artigo fazendo referência às manifestações de 2019 quando se efetiva uma convocatória para várias organizações e coletivos feministas, sob o tema *#NoMeCuidanMeViolan*, para protestar contra a violência de gênero no país e exigir justiça para vítimas de estupros cometidos por policiais. As autoras contrapõem o conceito de vandalismo ao de iconoclastia para reconfigurar a ação ativista de mulheres artistas no país e para discutir a noção de patrimônio público. Argüello e De la Rosa alertam ainda para o risco de levar tais práticas para dentro do museu e a possível perda de seu caráter político e insurgente, transformando-se em mera informação. Para evitar tal processo, revisitam estratégias artístico-políticas de artistas como Mónica Mayer, por exemplo, e como elas podem transitar entre a arte pública e o museu. Concluem com a percepção da importância da ressignificação de monumentos como uma aposta necessária em países patriarcais, como é o caso do México — e também do Brasil.

Desse modo, reunidos na forma de um dossiê, convidamos os leitores e leitoras a apreciarem esta seleção de artigos originalmente instigados pelas edições dos seminários do GEAP Latinoamerica, de forma a aprofundar as discussões sobre o campo da arte pública pelo viés das problemáticas e dos contextos latino-americanos. Que este conjunto enxuto e preciso de textos possa difundir a abordagem decolonial acerca do tema, alavancando novas ponderações para seus pontos fixos e em fluxo. Assim também, este dossiê carrega a intenção de promover elementos do conhecimento do sul global, a partir do trabalho consistente, realizado há décadas, pelo GEAP Latinoamerica, em sua meta como agente congregador

de estudos teóricos e elaborações metodológicas para o campo da arte pública. Por último, mas não menos importante, ressalta-se a boa sinergia entre o GEAP LA e o projeto inaugural do periódico **arte :lugar :cidade** que, juntos, compartilham de múltiplas metas comuns, ao assumirem para si estruturações transdisciplinares voltadas ao vasto campo de estudo dos elementos entre arte e urbanidade.

Sylvia Furegatti é artista visual, Livre-Docente em Processo Criativo / Área de Escultura pelo Instituto de Artes da Unicamp (2021). Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela USP (2007) e Mestre pela mesma instituição (20020. Integra o quadro permanente do Programa de Pós-Graduação e da Graduação em Artes Visuais (IA -Unicamp). É atual Coordenadora Geral da Diretoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC -Unicamp). É a atual Co-coordenadora do Grupo de Estudios sobre Arte Público en Latinoamerica (GEAP-LA) e Coordenadora Nacional do GEAP-BR.
https://orcid.org/0000-0002-8913-400X
sylviaf@unicamp.br

Gabriela Freitas é Professora Associada da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Possui pós-doutorado pela SUNY Purchase de Nova York, doutorado em Comunicação pela Universidade de Brasília (2014), com período de doutoramento sanduíche na Université Sorbonne (Paris-IV), e mestrado em Comunicação pela UnB (2009). Integrante dos grupos de pesquisa (ambos registrados no CNPq) Comunicação e Produção Literária - Grupo Siruiz (UnB) e Grupo de Estudos sobre Arte Pública-Brasil | GEAP-Brasil (Unicamp).
https://orcid.org/0000-0002-6195-3871
gabriela.freitas@fac.unb.br